

LINGUÍSTICA APLICADA, PENSAMENTO COMPLEXO E TRANSDISCIPLINARIDADE: UMA DISCUSSÃO AINDA PERTINENTE

Diego SATYRO

Prefeitura de São Bernardo do Campo -SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Este artigo, de cunho ensaístico, discute as relações entre Linguística Aplicada, Pensamento Complexo e Transdisciplinaridade. Busca-se, a partir dessa discussão, apresentar 1) um panorama possível da recente produção em Linguística Aplicada no Brasil; 2) contribuições do Pensamento Complexo na linha de Edgar Morin à área dos estudos aplicados da linguagem; 3) um contraste entre a transdisciplinaridade como atitude de pesquisa e a perspectiva transdisciplinar de Basarab Nicolescu. Conclui-se que esse debate epistemológico não se resume ao truísmo de uma Linguística Aplicada dita transdisciplinar, mas que ainda pode servir de base a futuros estudos. Tais estudos precisam lidar com um aparente impasse: de um lado, a necessidade de demonstração de teorias na linguagem em uso; de outro lado, perspectivas teórico-práticas sem foco na dimensão semântico-pragmática da linguagem. Esse impasse pode ser justamente um dinamismo para a área.

Palavras-Chave: Linguística aplicada. Pensamento complexo. Transdisciplinaridade.

APPLIED LINGUISTICS, COMPLEX THINKING AND TRANSDISCIPLINARITY: A STILL RELEVANT DISCUSSION

Abstract: This essay-based article discusses the relationship between Applied Linguistics, Complex Thinking and Transdisciplinarity. Based on this discussion, I seek to present 1) a possible overview of recent production in Applied Linguistics in Brazil; 2) contributions of Edgar Morin's Complex Thinking to the area of applied language studies; 3) a contrast between transdisciplinarity as a research attitude and Basarab Nicolescu's transdisciplinary perspective. I conclude that this epistemological debate is not limited to the truism of a so-called transdisciplinary Applied Linguistics, but that it can still serve as a basis for future studies. Such studies need to deal with an apparent impasse: on the one hand, the need to demonstrate theorizations in the language in use; on the other hand, theoretical-practical perspectives without a focus on the semantic-pragmatic dimension of language. This impasse could be a dynamism for the area.

Keywords: Applied linguistics. Complex thinking. Transdisciplinarity.

LINGÜÍSTICA APLICADA, PENSAMIENTO COMPLEJO Y TRANSDISCIPLINARIEDAD: UNA DISCUSIÓN TODAVÍA RELEVANTE

Resumen: Este artículo, más como un ensayo, analiza la relación entre la Lingüística Aplicada, el Pensamiento Complejo y Transdisciplinariedad. Con base en esta discusión, se busca presentar 1) un posible panorama de la producción reciente en Lingüística Aplicada en Brasil; 2) aportes del Pensamiento Complejo en la línea de Edgar Morin al área de estudios aplicados del lenguaje; 3) un contraste entre la transdisciplinariedad como actitud de investigación y la perspectiva transdisciplinar de Basarab Nicolescu. Se concluye que este debate epistemológico no se limita a la perogrullada de una llamada Lingüística Aplicada transdisciplinar, sino que aún puede servir de base para futuros estudios. Dichos estudios necesitan lidiar con un aparente callejón sin salida: por un lado, la necesidad de demostrar teorizaciones en el lenguaje en uso; por otro lado, perspectivas teórico-prácticas sin un enfoque en la dimensión semántico-pragmática del lenguaje. Este impasse podría ser un dínamo para la zona de conocimiento.

Palabras-clave: Lingüística aplicada. Pensamiento complejo. Transdisciplinariedad.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, de teor ensaístico, retomo uma discussão iniciada por Signorini e Cavalcanti (1999) sobre as relações entre a produção brasileira em Linguística Aplicada e a Transdisciplinaridade. Articulo a essa proposta outro sistema de ideias, já inserido na área dos estudos aplicados da linguagem: o Pensamento Complexo na linha de Edgar Morin. Essa empreitada, ressalvo, foi aparentemente inaugurada no início dos anos 2000, com o trabalho de Kleiman & Matêncio (2005), ganhando profundidade com Leffa (2006), Freire & Leffa (2013), Scheifer (2013) e, sobretudo, Freire (2020).

Com essa retomada, mais do que uma revisão da literatura, busco adensar o debate iniciado por linguistas aplicados experientes, defendendo os seguintes pontos de vista: 1) o Pensamento Complexo pode desafiar algumas bases da Linguística Aplicada contemporânea, à medida que abrange o estudo dos mitos, do imaginário e do inconsciente, numa chave antropológica universal e não sócio-histórica¹; 2) a noção de Transdisciplinaridade é ainda produtiva, se tomada como aporte epistemológico, lógico e ontológico, conforme os estudos de Basarab Nicolescu, e não exclusivamente como atitude ou postura da pesquisadora ou do pesquisador. Para detalhar esses repertórios, organizo a argumentação em três seções: na primeira, exibo algumas características da produção recente em Linguística Aplicada; na segunda,

¹ Cf. as diferenças entre as abordagens do estudo do imaginário em Laplantine & Trindade (1997).

esposo aspectos centrais do Pensamento Complexo; na terceira, finalmente, discuto os pilares da Transdisciplinaridade.

Provisoriamente, concluo que o trabalho da maior parte dos linguistas aplicados cotejado tem forte engajamento com questões sociais, numa perspectiva semântico-pragmática da linguagem, nas quais os atos comunicativos são *performances*, sempre situadas e nunca prefiguradas, associando formas linguísticas a contextos sociais, com interesse em ideologias linguísticas, num movimento que não se mostra análogo à centralidade das discussões de Leffa (2006) e de Freire (2020), mais interessados, penso, com a construção do conhecimento do conhecimento e do conhecimento da linguagem, no âmbito específico da educação linguística, particularmente, na subárea de formação de professores de línguas. Em contraste a essa diferença, concluo também que, para a Linguística Aplicada, o Pensamento Complexo contribui com um tipo de vigilância epistêmica, bem como a Transdisciplinaridade pode suscitar discussões, considero, pouco exploradas, como as ligadas à espiritualidade do ser humano em interface com suas práticas de linguagem - um desafio teórico-metodológico para o campo.

1. MARCAS RECENTES DA LINGUÍSTICA APLICADA BRASILEIRA

Discorrer sobre o campo da Linguística Aplicada no Brasil é, neste caso, examinar um recorte. Estou ciente de que outro pesquisador ou outra pesquisadora faria escolhas distintas, considerando não somente seu repertório de leituras, mas ainda questões circunstanciais, como as linhas de pesquisa, no interior da Linguística Aplicada, a organização dos Programas de Pós-graduação e as interlocuções - muitas vezes, influenciadas por aspectos políticos e geográficos - entre professores e professoras doutoras/pesquisadoras com outros cientistas nacionais e internacionais. Para fazer esse recorte, elenquei alguns critérios, a saber:

- A atuação das autoras e dos autores mencionados em Programas de Pós-graduação específicos de Linguística Aplicada ou suas formações, como doutores e doutoras nessa área;
- A centralidade temática dos artigos e capítulos de livro citados. De modo geral, essas produções versam sobre as tentativas de delineamento da Linguística Aplicada em nosso país, além de discutir tendências, epistemologias e metodologias de pesquisa no campo dos estudos aplicados da linguagem.

Assim, embora eu esteja convencido de que a forma ‘Linguística Aplicada brasileira’ é generalizadora e, portanto, excludente (*i.e.*, há muitas discussões de cunho teórico sobre o *status* da Linguística Aplicada em nosso país que não foram objeto de reflexão deste texto), ousou traçar um panorama ‘relativamente’ recente. Destaco o advérbio, pois sei que algumas discussões têm sido feitas, com diferentes nuances, há mais de duas décadas, como as ideologias linguísticas (SIGNORINI, 1999) e a suposta vocação transdisciplinar do campo (CELANI, 1999; SIGNORINI & CAVALCANTI, 1999), tópico deste artigo, sequencialmente.

Afinal, o que os linguistas aplicados têm feito no Brasil? Para Moita Lopes (2006), numa proposição célebre, ostensivamente repetida em textos da área, linguistas aplicados criam inteligibilidade para problemas sociais que envolvem a linguagem. Eis o binômio inseparável da Linguística Aplicada: linguagem e sociedade. Essa lógica sustentadora aparece ainda em outros trabalhos, publicados mais recentemente, como os de Borba (2020)², Alencar & Araújo (2021) e Maia (2022). Tal premissa, aparentemente consensual entre estudiosos do campo aplicado da linguagem, deixa claro que a Linguística Aplicada brasileira não se restringe a ambientes formativos, nem aos usos de línguas adicionais. Ela não revela, todavia, os vieses latentes a um termo chave dessa discussão: ‘disciplina’.

A noção de ‘disciplina’ capitaneia uma discussão profunda na Educação e na produção científica. À medida que um conjunto de saberes se torna disciplinar, de um lado, passa a concorrer de maneira mais ou menos igualitária por espaço e privilégios na academia, disputando bolsas, verbas e o atendimento regulado por editais de pesquisa; por outro lado, torna-se um território político, já que relações de poder são instauradas. Disciplinas, portanto, são territórios delimitados por uma comunidade de pesquisadores, na qual a participação e a construção coletiva de conhecimento não obedece a parâmetros de equidade. Alguns saberes tornam-se tradicionais, mais valorizados, e passam a ditar o regime da dita disciplina.

² Ainda que a obra organizada por Borba (2020a) apresente, em seu título, o termo *Linguística* e não *Linguística Aplicada*, em conversa privada por meio de rede social, o autor, que atua no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), me escreveu, no dia 04 de abril de 2022, sobre o uso de *Linguística Queer* como um “termo guarda-chuva”, que engloba tanto as pesquisas “mais teóricas” quanto aquelas “em contextos aplicados”. Reforço que os termos em destaque foram, inclusive, registrados pelo próprio pesquisador. Feita essa consideração, sinto-me autorizado a citar o trabalho de Borba (2020) no rol de pesquisas recentes em Linguística Aplicada.

Com uma forte consciência política e apoiado em perspectivas da pedagogia crítica e pós-crítica, bem como nas teorias pós-colonial e pós-estruturalista, Pennycook (2001) propôs redefinir a Linguística Aplicada, qualificando-a com o adjetivo 'crítica' e apresentando-a como 'antidisciplinar'. Segundo o linguista aplicado inglês, mais do que uma forma de conhecimento interdisciplinar, sua visão da área é como "uma *antidisciplinar*, como um modo de pensar e de fazer que é sempre questionador, que está sempre procurando novos esquemas de politização"³ (PENNYCOOK, 2001, p. 173, grifos do autor, tradução minha). Essas ideias, o que inclui parte do referencial teórico, sobretudo o pós-estruturalismo de Michel Foucault (1926-1984), são frutíferas à produção brasileira de Moita Lopes (2006a), que designa a Linguística Aplicada como um campo de estudos INdisciplinar.

O enquadramento da Linguística Aplicada como campo INdisciplinar mantém a argumentação de Pennycook (2001) no sentido da antidisciplinar. Revela, a meu ver, um *ethos* insubordinado por parte do linguista aplicado brasileiro e de outros pesquisadores e pesquisadoras adeptos dessa qualificação. Em obra recente, Szundy e Fabrício (2019, p. 69) retomam as bases da Linguística Aplicada INdisciplinar e afirmam que essa visão se opõe a "critérios semânticos de raça, gênero, sexualidade, classe social, entre outros, tomados como descritores de realidades essenciais". Essa vertente nos estudos em Linguística Aplicada, portanto, não se intimida com temas fraturantes ou tabus, mas busca interpretá-los, em toda a sua complexidade⁴, com interesse especial pela linguagem em uso, em atos performativos.

Ainda nessa mesma corrente, escolhida aqui como uma forma representativa da Linguística Aplicada brasileira, Silva (2015) argumenta que a escolha de Moita Lopes (2006) por área, em oposição à lógica disciplinar, implica um tipo de questionamento específico para o linguista e a linguista aplicada. Para esse pesquisador, no lugar de 'qual é o seu problema de pesquisa?', poder-se-ia perguntar: "qual o seu problema de pesquisa e como você mobiliza determinados construtos teóricos e empíricos para o seu enfrentamento?" (SILVA, 2015, p. 365). Isso significa que os problemas de pesquisa em Linguística Aplicada não precisam ser aspectos linguísticos/enunciativos/discursivos *a priori*, mas problemas sociais, como a violência policial, o racismo na escola ou a homofobia vivenciada em ambientes domésticos e familiares.

³ Texto original: "as a form of antidisciplinary knowledge, as a way of thinking and doing that is always questioning, always seeking new schemas of politicization".

⁴ Aqui, não uso complexidade como hipônimo de Pensamento Complexo, mas no sentido de um amálgama de elementos.

O interesse por temas sociais, na Linguística Aplicada brasileira, exibe ainda outra marca: o compromisso em investigar as práticas sociais ‘com’ pessoas marginalizadas. Ilustro esse argumento com base nos trabalhos de Rajagopalan (2003)⁵, Moita Lopes (2006), Fabrício (2006), Kleiman (2013), Szundy & Fabrício (2019), Borba (2020), Windle *et al.* (2020) e Maia (2022). Consoante esses pesquisadores e pesquisadoras, os problemas, as epistemologias e as metodologias de pesquisa precisam tensionar a relação entre discursos dominantes e discursos subalternizados, agenciando a voz, os modos de vida e as práticas de linguagem de sujeitos historicamente silenciados. A título de exemplo, cito um trecho do manifesto assinado a dezesseis mãos, entre elas, as da atual presidente da Associação Brasileira de Linguística Aplicada (2020-2022), Claudiana Alencar, em que os autores conclamam os pesquisadores da área a fazer uma “Linguística Aplicada viva!!!” (ALENCAR *et al.*, 2020, p. 20). De acordo com os redatores do manifesto, a Linguística Aplicada deve valorizar “os pensares da periferia - viva a palavra, movimento periférico, de autogestão, saraus, livros livres, bibliotecas comunitárias, ocupação, círculos populares” (*op. cit.*, p. 19).

Na produção de uma “agenda anti-hegemônica” (MOITA LOPES, 2006, p. 27) em Linguística Aplicada, sintonizada com teorias críticas (RAJAGOPALAN, 2003), pós-estruturalistas e pós-críticas (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), críticas e descoloniais (KLEIMAN, 2013)⁶, raciais, feministas e decoloniais (WINDLE *et al.*, 2020), decoloniais, feministas, sertanejas e de perspectivismo indígena (ALENCAR *et al.*, 2020) ou *queer* (BORBA, 2020), no meu entendimento, há duas marcas epistemológicas que se cruzam. A primeira delas é a crítica a visões essencializantes, isto é, a enquadramentos identitários e epistemológicos que excluem a situacionalidade radical das práticas de linguagem, levando a enfoques cristalizadores, como supostamente ‘a identidade de professores’, ‘a identidade de alunos’, ‘a identidade de mulheres

⁵ Semelhantemente a uma das notas anteriores, com respeito ao trabalho de Borba (2020a), destaco a escolha de Rajagopalan (2003) por ‘Linguística Crítica’, em vez de ‘Linguística Aplicada Crítica’, no título de seu livro. Acredito que o expediente explicativo tenha sido o mesmo ou muito próximo àquele informado por Rodrigo Borba, já que Rajagopalan (2003) dedica parte da obra à Linguística Aplicada. Em suas palavras: “A grande inovação, com a chegada da ‘postura crítica no campo da linguística aplicada’, tem a ver com a percepção crescente de que é preciso repensar a própria relação ‘teoria/prática’” (RAJAGOPALALAN, 2003, p. 80, grifos do autor).

⁶ Kleiman (2013) emprega o adjetivo ‘descolonial’ como tradução de *decolonial*, mantendo o prefixo *des-*, típico da Língua Portuguesa. Sua base teórica são sobretudo autores latinos, oriundos das Ciências Sociais, como o argentino Walter Dignolo (1941 -) e o peruano Anibal Quijano (1930-2018), cujos trabalhos criticam a colonialidade do poder e o eurocentrismo na produção de conhecimento. Interessantemente, mais tarde, os mesmos sociólogos inspirarão trabalhos em Linguística Aplicada com o termo ‘descolonial’, sem o prefixo latino *des-*, mas *de-*. Exemplificam essa escolha Alencar *et al.* (2020) e Windle *et al.* (2020).

negras' etc. Existem, para esses pesquisadores, ligados a diferentes Programas de Pós-graduação, linhas de pesquisa e vertentes, identidades performadas, fluidas, evanescentes e dinâmicas. A segunda marca de fundo epistemológico, por sua vez, é a visão pragmática de linguagem, segundo a qual as investigações em Linguística Aplicada 'colam' os enunciados/textos/discursos a seus contextos, algo imprescindível, nesse quadro teórico-metodológico, a projetos de análise e/ou interpretação.

Em síntese, as pesquisas em Linguística Aplicada no Brasil parecem "atentas às realidades e anseios realmente vivenciados pelas populações locais" (RAJAGOPALAN, 2021, p. 46). Os trabalhos citados, nesta seção em particular, defendem esse ponto de vista. Seus referenciais teóricos são, conforme tentei argumentar, múltiplos, variados e indisciplinados. Exigem, pois, vigilância e certa ousadia epistêmica para ligar e religar saberes, tópico da próxima seção.

2. O PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN

O Pensamento Complexo de Edgar Morin (2000, 2003, 2005, *et passim*)⁷ é uma das correntes das chamadas "Teorias da Complexidade" (LEFFA, 2006, p. 32)⁸. O uso do genitivo no título da seção não é à toa, portanto. Com efeito, mesmo na Linguística Aplicada brasileira, coexistem diferentes correntes dos estudos da Complexidade⁹. Refiro-me aqui, contudo, especificamente aos trabalhos que dialogam, tangencial ou centralmente, com a obra do pensador francês, com destaque para Leffa (2006), Freire e Leffa (2013) e Freire (2017, 2020). Com o objetivo de abordá-la no seio da Linguística Aplicada, a princípio, apresento uma síntese desse sistema de ideias.

⁷ As obras de Edgar Morin consultadas não são apenas as que aparecem nesse trecho. No entanto, por uma questão estética, preferi não citar todas elas, ainda que se trate de comentários globais sobre as principais ideias do autor, (re)discutidas ao longo dos anos. A lista completa, bem como os anos originais de publicação na França, pode ser conhecida na seção de Referências.

⁸ Analogamente ao comentário de Leffa (2006), o pesquisador José Eli da Veiga (in: VEIGA & ALMEIDA, 2021, grifos do texto original), Doutor em Desenvolvimento Social e Econômico e interlocutor do Pensamento Complexo, afirma: "Não existe 'teoria da complexidade'. Uma revisão do que foi publicado sobre esta ideia, nos últimos quarenta anos, mostra a existência de uma espécie de 'torre de babel', sem que se possa ser otimista sobre a possibilidade de alguma convergência. Muito menos com o sonho de futura 'unificação' das inúmeras especulações sobre a complexidade".

⁹ Em sua obra, Edgar Morin (1997, 2000, 2003, 2005, *et passim*) não usa as iniciais maiúsculas para as formas linguísticas *pensamento complexo* ou *complexidade*. No entanto, em função da clareza textual, prefiro fazer essa distinção estilística.

Complexidade e Pensamento Complexo são termos complementares. Morin (2015, p. 06) apresenta a Complexidade como “uma palavra-problema e não uma palavra-solução”. Esse argumento sugere, de antemão, que a arquitetura de seu pensamento não contempla um viés necessariamente intervencionista. Adiante, na mesma obra, afirma o autor que o Pensamento Complexo “não é o que evita ou suprime o desafio [da Complexidade], mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo” (*op. cit.*, p. 08, grifos meus).

O desafio da Complexidade não reside apenas na produção de conhecimento. Ele é intrínseco à vida. Sua natureza é multidimensional e, portanto, extrapola nossa compreensão cognitiva, já que é integrada a uma rede de saberes, afetos (MORIN, 2003), mitos (MORIN, 2015), imagens (MORIN, 2000) e até a linguagem do inconsciente (MORIN, 2000). É, a meu ver, esse alcance superlativo, que conjuga o individual e o social, a objetividade e a subjetividade, as ciências exatas e a arte, o biológico e o cultural, o responsável pela admiração e pelas críticas endereçadas à obra de Edgar Morin. Sua defesa, operada por meio do Pensamento Complexo, é em prol da ligação e religação de saberes (MORIN, 2000, 2003), uma ideia-fonte que pode ser, em alguns círculos acadêmicos, radical, já que interfere na raiz dos modos de produzir conhecimentos e sociabilidades.

O Pensamento Complexo, engendra, pois, um desafio epistêmico. Epistemologicamente, ele costuma ser definido pelo seu contrário, pelo não-Complexo, isto é, o pensamento ‘não’-fragmentador, ‘não’-reduzidor, ‘não’-simplificador e ‘não’-disciplinar. Com isso, Morin (2000, 2003, 2005) não advoga pelo fim da disciplinaridade, mas defende explicitamente a Transdisciplinaridade (MORIN, 2020)¹⁰. Eis, então, uma das características principais dessa perspectiva.

Para operar com o Pensamento Complexo, Morin (2015) postula três macroconceitos ou princípios epistemológicos: o dialógico, o recursivo e o hologramático. O princípio dialógico pressupõe o acolhimento de algo improvável, segundo o autor, para as Ciências Sociais influenciadas pela dialética marxista: o diálogo entre opostos. Assim, Morin (2015) compreende que argumentos opostos podem coexistir e que essa coexistência é produtiva para a interpretação de fenômenos. O princípio recursivo refere-se à quebra da lógica causal retilínea.

¹⁰ Assim como uma das notas anteriores, reitero minha preferência por registrar termos-chave com iniciais maiúsculas, embora essa não tenha sido, no texto original, a opção de Morin (2020). O autor usa, ao longo de seu ensaio, a forma ‘transdisciplinaridade’, com inicial minúscula.

Não há, nessa visão, o pressuposto de que certos efeitos sejam garantidos, dadas as causas previamente diagnosticadas. Existem bifurcações, ‘descaminhos’, imprevisibilidades que precisam ser consideradas como válidas e ‘científicas’. O princípio hologramático, por sua vez, considera a relação intrínseca entre partes e todo, a saber: o todo habita as partes e as partes habitam o todo. Sendo assim, o todo é multiplicativo e não aditivo, pois não corresponde à soma das partes, já que é qualitativamente mais complexo do que uma mera justaposição.

Na Linguística Aplicada brasileira, um diálogo explícito e, talvez, preliminar com o Pensamento Complexo pode ser localizado em Kleiman e Matêncio (2005). As autoras afirmam que as investigações da coletânea por elas organizadas revelam “o quanto são necessárias a adoção da complexidade como modo de fazer pesquisa e a abertura para a multiplicidade de recortes e olhares” (KLEIMAN & MATÊNCIO, 2005, p. 07). No ano seguinte, Leffa (2006) propõe, conforme apresentei anteriormente, o Pensamento Complexo como um aporte alternativo ao ensino de línguas adicionais ‘monoteórico’, organizado em torno de teorias com *status* de dogmas. Freire e Leffa (2013), por sua vez, recorrem aos princípios do Pensamento Complexo, por eles nomeado Epistemologia da Complexidade, para propor uma nova forma de pensar a formação tecnológica de professores de línguas. Em comum, esses textos apresentam: 1) uma proposta teórico-prática e, portanto, sem a demonstração de dados empíricos¹¹; 2) um interesse pelos insumos do Pensamento Complexo para os processos formativos de professores de línguas.

Esses dois pontos se repetem em Freire (2020). Contudo, a meu ver, Freire (2020) aprofunda a discussão entre Linguística Aplicada, Pensamento Complexo e Transdisciplinaridade. Nesse caso, a linguista aplicada, especialista na obra *moriniana*¹², predica a Linguística Aplicada diretamente como “complexa e transdisciplinar” (FREIRE, 2020, p. 259)¹³. A autora recorre à

¹¹ Faço uma distinção entre o texto de Kleiman e Matêncio (2005) em relação aos de Leffa (2006) e Freire e Leffa (2013). As autoras ligadas aos estudos do letramento recorrem ao Pensamento Complexo para apresentar sua coletânea. O gênero ‘apresentação de livro’ não costuma recorrer, de fato, a dados empíricos.

¹² Maximina Maria Freire é líder do Grupo de Pesquisa e Estudos da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (GPeAHFC/CNPq), sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Parte da história de seu interesse pelo Pensamento Complexo pode ser conhecida em Freire (2017).

¹³ “A Linguística Aplicada, ao reconhecer-se nômade, mestiça, transgressora, ousada ao infringir fronteiras teóricas consagradas, rebelde ao buscar articulações disciplinares, insubordina-se contra a imposição paradigmática, limitadora e limitante, revelando uma postura que mais a aproxima das duas áreas aqui em confronto, permitindo caracterizá-la como *complexa* e *transdisciplinar*” (FREIRE, 2020, p. 259, grifos da autora).

metáfora da 'tessitura' para explicar o entrelaçamento entre o que apresenta como três 'áreas'. Os fios produzidos por cada área podem ser tramados, de modo a produzir conhecimento do conhecimento e conhecimento da linguagem.

No meu entendimento, a analogia de Freire (2020) operada pela metáfora da 'área' pode ser problematizada. Retomando as ideias de Moita Lopes (2006), a Linguística Aplicada no Brasil parece, efetivamente, ter se constituído como uma área e não como uma disciplina. Contudo, Pensamento Complexo e Transdisciplinaridade, na esteira do físico Basarab Nicolescu (cf. a próxima seção), são visadas teórico-práticas. Elas justamente escapam à noção de 'área do conhecimento', já que podem ser mobilizadas tanto nas Ciências Humanas, quanto nas Ciências Sociais, Exatas e Médicas. Um exemplo evidente disso são os usos dessas visadas em Economia, Literatura e Ecologia - disciplinas bastante distintas, pertencentes a áreas diversas.

Outra questão que o texto de Freire (2020) coloca e que pode instigar outros pesquisadores e outras pesquisadoras é o papel da linguagem nessa tessitura. Entretanto, para efetivar essa discussão, é preciso conhecer, primeiramente, o trabalho do romeno Basarab Nicolescu, tópico da próxima seção. Retomo a discussão sobre linguagem, assim, na última seção.

3. A TRANSDISCIPLINARIDADE DE BASARAB NICOLESCU

Como pontuei acima, e conforme afirmam Leffa (2006) e Freire (2020), a Transdisciplinaridade constitui o Pensamento Complexo *moriniano* como uma atitude necessária à ligação e à religação de saberes. Contudo, nesta seção, reporto-me sobretudo à obra de Nicolescu (2000, 2012, 2013, *et passim*), interlocutor direto de Edgar Morin, em Freitas, Morin & Nicolescu (1994), e proponente da perspectiva transdisciplinar.

Novamente, destaco o genitivo no título da seção, para evitar o entendimento denotativo de 'transdisciplinaridade', descolado de qualquer aporte teórico específico. Esse tipo de uso é bastante comum nos estudos aplicados da linguagem e, muitas vezes, aparece de forma imprecisa, ao lado da interdisciplinaridade, como em Fabrício (2006), que escreve sobre uma

Linguística Aplicada “inter/transdisciplinar” (*op. cit.*, p. 62). Aqui, Transdisciplinaridade não é sinônimo de Interdisciplinaridade¹⁴.

‘Grosso modo’, a Transdisciplinaridade é uma perspectiva científica e de vida. Ela também se pauta na multidimensionalidade dos sistemas vivos e critica a fragmentação do conhecimento e do ser humano. Seus pilares são: a Complexidade, entendida como o princípio de interdependência que conecta os elementos da vida, os Níveis de Realidade e a Lógica do Terceiro Incluído (FREITAS, MORIN & NICOLESCU, 1994; NICOLESCU, 2000, 2012, 2013, 2015, 2019, 2020). Como se vê, há semelhanças patentes com as ideias de Edgar Morin.

De forma sumária, os Níveis de Realidade do Objeto estão diretamente associados aos Níveis de Percepção do Sujeito. Nessa visada teórica, Sujeito e Objeto fundem-se. Portanto, não existe a separação posta pela lógica cartesiana, em nome do rigor científico. Existem, com efeito, afetos e produções (inter)subjetivas que alteram a percepção do Objeto Transdisciplinar, composto por inúmeras camadas, muitas das quais o olhar humano não consegue capturar (pensemos, por exemplo, na camada microbiológica e na camada espiritual). Em outras palavras, o que se vê é sempre insuficiente e nunca representa uma totalidade. Há mistério em tudo que se investiga. Por esse motivo, o trabalho do pesquisador ou da pesquisadora transdisciplinar precisa partir do seguinte pressuposto: o que se examina é sempre parcial, pois é dependente dos Níveis de Percepção do Sujeito.

A Lógica do Terceiro Incluído, por seu turno, cumpre com o papel de dispositivo racionalizante da Transdisciplinaridade de Nicolescu (2000, 2012, 2013, *et passim*). Operar com esse dispositivo é romper com a dialética ortodoxa, que prevê a superação de um conflito de ideias por meio de uma síntese. Assim como funciona o princípio dialógico de Morin (2015), a Lógica do Terceiro Incluído acolhe pares de opostos e busca, nessa articulação improvável, um espaço aberto a novas interpretações.

Histórica e discursivamente, a opção por movimentos transversais entre diferentes disciplinas na Linguística Aplicada brasileira é antiga, considerando a ‘idade’ da disciplina em nosso país (madura, mas ainda jovem, em termos de ciência, com seus cinquenta ‘e poucos

¹⁴ Recorro às iniciais maiúsculas, ao usar Transdisciplinaridade, para destacar o construto, mesmo ciente de que Nicolescu varie em suas escolhas estilísticas, ora empregando esse mesmo recurso, ora empregando as iniciais minúsculas.

anos'). Há quase três décadas, essa associação tem sido feita. Um exemplo disso é a publicação do livro organizado por Signorini e Cavalcanti (1999), cuja primeira edição é de 1998, e que exhibe, em seu título, o substantivo 'Transdisciplinaridade'. No entanto, o entendimento de Transdisciplinaridade não apenas como atitude ou postura do pesquisador e da pesquisadora, mas como perspectiva epistemológica e ontológica é, parece-me, ainda pouco expressivo, em termos de produção científica. São pioneiros, possivelmente, Leffa (2006) e Signorini (2011). Para a estudiosa dos letramentos em língua materna, o trabalho de Basarab Nicolescu contribui para uma inovação epistemológica e programática em Linguística Aplicada, já que pressupõe processos formativos menos enrijecidos e mais abertos a diálogos disciplinares, em sintonia com os problemas concretos, de natureza transdisciplinar.

Ainda assim, apenas recentemente, a área ganhou um estudo mais profundo sobre as relações entre Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade na linha de Nicolescu (2000, 2012, 2013, *et passim*). Refiro-me, novamente, a Freire (2020), cujo trabalho revela um diálogo denso com essa perspectiva, em conjunção com o Pensamento Complexo de Edgar Morin. Menos interessada em propor inovações práticas ao campo dos estudos aplicados da linguagem, Freire (2020) parece empenhada em construir um quadro teórico sólido, em que, conforme assinalai, Linguística Aplicada, Pensamento Complexo e Transdisciplinaridade confluam, 'em pé de igualdade', levando, repito, à construção de conhecimento do conhecimento e conhecimento da linguagem humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA TESSITURA EM EXPANSÃO

Uma breve recapitulação deste ensaio: a Linguística Aplicada brasileira (re)definida, recentemente, por pesquisadores renomados como Signorini (2015), Silva (2015), Szundy e Fabrício (2019), Borba (2020), Windle *et al.* (2020), Alencar e Araújo (2021), Rajagopalan (2021) e Maia (2022) é uma área - e não uma disciplina - comprometida com questões sociais, com as vozes da periferia mundial e local, com as práticas sociais subalternizadas e com o interesse por epistemologias não eurocêntricas, em diálogo com perspectivas latinas, ameríndias, racializadas, feministas e *queer*. Parece, portanto, que falar sobre Linguística Aplicada Transdisciplinar é um truísmo. Entretanto, essa impressão pode ser desfeita, se considerarmos, mais do que os marcadores cronológicos, as possíveis contribuições da Transdisciplinaridade, na linha de Nicolescu (2000, 2012, 2013, *et passim*), para o campo aplicado dos estudos da linguagem.

Os trabalhos do físico romeno podem, é claro, ser associados à inovação (SIGNORINI, 2011) e à criatividade (SCHEIFER, 2013) em qualquer área do conhecimento. O próprio autor faz essa discussão, ainda que com menor profundidade, em seus escritos¹⁵. Contudo, existem elementos dessa teoria que, a meu ver, são brechas a ser iluminadas, como o papel da espiritualidade (FREITAS, MORIN & NICOLESCU, 1994; NICOLESCU, 2012, 2013, 2020) e, em diálogo direto com o Pensamento Complexo, a influência dos mitos e do imaginário na constituição do sujeito e dos grupos sociais (FREITAS, MORIN & NICOLESCU, 1994; MORIN, 2015, 2020; NICOLESCU, 2013; PASQUIER & NICOLESCU, 2019).

Essas brechas, no meu entendimento, não estão discutidas propriamente em Leffa (2006), Freire e Leffa (2013), Scheifer (2013) e Freire (2017, 2020). Elas comportam, sem dúvida, um desafio metodológico, a saber: como pesquisar o que não se vê/ouve/lê? Como capturar ideias, símbolos, imagens que, para esses autores, extrapolam a situacionalidade e que partem do espírito humano, como algo transcendental e ancestral? Como escrutinar o que escapa à expressão linguística, muitas vezes? Somo a essa dificuldade uma questão retórica: os textos de Edgar Morin e Basarab Nicolescu a que tive acesso têm forte argumentação filosófica e pouca sustentação empírica. Talvez, nesse ponto, Linguística Aplicada e estudos do Pensamento Complexo e da Transdisciplinaridade se filiam a diferentes ‘tradições’ acadêmicas. Enquanto os trabalhos em Linguística Aplicada brasileira demonstram na linguagem em uso (‘empíria’, portanto) dimensões sociais, culturais, éticas, políticas e ideológicas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu investem em projetos teórico-práticos que renunciam à exigência da demonstração como fator de validade científica. Esse contraste, em minha visão, aumenta o desafio para linguistas aplicados interessados em se aventurar pelo Pensamento Complexo e pela Transdisciplinaridade.

No que se refere à articulação entre disciplinas, rumo à Transdisciplinaridade, ou a um pensamento integrador, como sugere Morin (2000, 2003), as aproximações com a Linguística Aplicada são facilitadas. Retomando o texto clássico de Celani (1999), concordo com a colocação da autora sobre a vocação transdisciplinar da área. Linguistas aplicados não pedem licença para colocar em diálogo insumos de diferentes disciplinas, em prol de um conhecimento necessário

¹⁵ Nicolescu discute a relação entre suas proposições e a criatividade em Nicolescu (2013), além de destacar o sentido inovador da Transdisciplinaridade para a Educação Superior em Nicolescu (2020).

ao estudo de determinado problema social. É essa a lógica do campo aplicado: os referenciais teóricos devem ser construídos a partir de necessidades concretas.

A esse respeito, acredito que a obra de Morin (2000, 2003, 2015, *et passim*) seja útil para a Linguística Aplicada brasileira, pois ela enseja um tipo de vigilância epistêmica. O pensador francês defende a produção de um ‘conhecimento pertinente’ (MORIN, 2000, 2003), o que não corresponde a ecletismo acadêmico ou a “uma espécie de confraternização entre pesquisadores” (SIGNORINI, 2021, p. 39). Esse argumento, destaque, já havia sido levantado por Rajagopalan (1999). Para esses dois linguistas aplicados, o que mais interessa nas propostas ditas transdisciplinares são as tensões, as diferenças e as discordâncias. São elas mais produtivas do que a confirmação de semelhanças. Compreendo, pois, que as diferenças de base entre disciplinas são um verdadeiro dínamo para a produção científica e podem ser acopladas àquilo que linguistas aplicados têm chamado de transdisciplinaridade, algo que vai ao encontro do princípio dialógico de Morin (2015) e da Lógica do Terceiro Incluído de Nicolescu (2000, 2013, 2015).

Por fim, retomando os trabalhos de Leffa (2006) e de Freire (2020), ambos interlocutores de Edgar Morin e de Basarab Nicolescu, percebo uma diferença instigante: a definição de língua e de linguagem. Leffa (2006, p. 29) cita os “sistemas linguísticos” para, daí, derivar sua argumentação sobre o enquadre da ‘língua’ como um sistema aberto/complexo. Freire (2020, p. 250), por sua vez, define a ‘linguagem’ - e não a língua - como “sistema aberto”. Feito esse contraste, acredito que essa discussão possa ser desenvolvida em futuros trabalhos, considerando as seguintes razões: 1) as diferenças entre língua e linguagem; 2) as diferenças entre linguagem como capacidade humana de comunicação e as ‘linguagens’, no sentido de modos ou modalidades comunicativas/semióticas; 3) as implicações dessas definições centrais aos estudos aplicados da linguagem, como as noções ou os conceitos de ‘discurso’, ‘gênero’, ‘texto’ e ‘performance’. Até este momento, considerando a literatura revisada, acredito, essa discussão não foi suficientemente aprofundada, parecendo um pouco limitada ao emprego repetido de ‘sistema aberto/complexo’, sem problematizar questões de uso, valores e ideologias linguísticas tão caras à parte da produção brasileira em Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de *et al.* Por uma Pragmática Cultural: um manifesto. **A Biblioteca de Dia**, Fortaleza, p. 18 - 20, 04 jul. 2020.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de; ARAÚJO, Nukácia Meyre Silva. Linguística Aplicada e a produção de saberes sobre a vida social contemporânea. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 52, n. 2, p. 8–12, 2021. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1643>. Acesso em: 6 abr. 2022. DOI: 10.18309/ranpoll.v52i2.1643.

BORBA, Rodrigo. Linguística *queer*: algumas desorientações. In: BORBA, Rodrigo. (org.). **Discursos transviados**: por uma linguística *queer*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 9-46.

BORBA, Rodrigo. (org.). **Discursos transviados**: por uma linguística *queer*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020a.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. p. 115-126.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-66.

FREIRE, Maximina Maria. Uma abordagem metodológica e uma teoria do conhecimento: relato de um encontro e a emergência de uma tessitura. In: FREIRE, Maximina Maria; BRAUER, Karin Claudia Nin; AGUILAR, Gabriel. (org.). **Vias para a pesquisa**: reflexões e mediações. São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional, 2017. p. 176-193. Disponível em: <<http://bit.ly/2XvHQbs>>. Acesso em: 01 mar.2019.

FREIRE, Maximina Maria. Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade: tecendo redes de sentido e articulando saberes. **Educação & linguagem**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, vol. 23, n. 1, p. 245-261, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/10755/7375>>. Acesso em: 5 jul. 2021. doi: <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v23n1p241-261>.

FREIRE, Maximina Maria; LEFFA, Wilson José. A auto-heteroecoformação tecnológica. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift** para Antonieta Celani. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 59-78.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade**. Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, 6 nov. 1994, p. 1-4. Disponível em: <<https://bit.ly/2VIHRQz>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

KLEIMAN, Angela Busto. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. MOITA LOPES, Luis Paulo da. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift** para Antonieta Celani. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39-58.

KLEIMAN, Angela Busto; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Apresentação. In: KLEIMAN, Angela Busto; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. (org.). **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construções do saber**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005, p. 1-16. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário**. 1.ed. 2. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos, n. 309).

LEFFA, Vilson José. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: A perspectiva das Teorias da Complexidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online], Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 6, n. 1, p. 27-49. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-63982006000100003>>. Acessado em: 23 mar. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982006000100003>.

MAIA, Junot. Letramentos de sobrevivência. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de. (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Prefácio: Claudiana Nogueira de Alencar. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 215-222.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Introdução: Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 13-44.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997[1994].

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000 [1999].

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 [1999].

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [1990].

MORIN, Edgar. Edgar Morin: “A escola mata a curiosidade”. **Nova Escola**, 1 out. 2006. Entrevista concedida ao editorial da revista. 7p. Disponível em: <<https://bit.ly/3bFQRX2>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida; Edgar de Assis Carvalho. (org.). 4.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as ideias, habitat, vida, costumes, organização. Trad. Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011[1991].

MORIN, Edgar. **O método 5**: A humanidade da humanidade. Trad. Juremir Machado. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2012[2001].

MORIN, Edgar. **A Via para o futuro da humanidade**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Trad. Edgard de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014[2011].

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015[2005].

MORIN, Edgar **O método 3**: conhecimento do conhecimento. Trad. Juremir Machado. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a[1986].

MORIN, Edgar. Edgar Morin: "É preciso educar os educadores". **Fronteiras do pensamento/O Globo**, 2 jan. 2017. Entrevista concedida à Andrea Rangel. Disponível em: <<https://bit.ly/3hNEKg9>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: in praise of complex thought. **CNRS News**, 7 jan. 2019. Entrevista concedida a Francis Lecompte. Disponível em: <<https://news.cnrs.fr/articles/edgar-morin-in-praise-of-complex-thought>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MORIN, Edgar. **A aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta**. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020[2015].

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Trad.: Clóvis Marques. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020a[2017].

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento – transdisciplinaridade. In: UNESCO; Universidade de São Paulo. **Educação e Transdisciplinaridade**. 2000, p. 9-25. Disponível em: <<https://bit.ly/35Y6BSe>>. Acesso em: 25 dez.2019.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinarity: the Hidden Third, between the Subject and the Object. In: **Human and social studies**. Iasi, Romênia: Editora da Universidade de Iasi, vol. 1, n. 1, p. 13-28, 2012. ISSN: 2285-5920.

NICOLESCU, Basarab. The need for Transdisciplinarity in higher education in a globalized world. In: NICOLESCU, Basarab; ERTAS, Atila. (Org.). **Transdisciplinary: theory and practice**. Estados Unidos da América: The Atlas, 2013. p. 17-18.

NICOLESCU, Basarab. The Hidden Third as the Unifier of Natural and Spiritual Information. **Cybernetics and Human Knowing**, vol. 22, n. 4, p. 91-99, 2015.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinaridade: uma esperança para a humanidade. In: DRAVET, Florence; PASQUIER, Florence.; COLLADO, Javier.; CASTRO, Gustavo de. **Transdisciplinaridade e educação do futuro**. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019, p. 13-18.

NICOLESCU, Basarab. Basarab Nicolescu. In: GIBBS, Paul; BEAVIS, Alison. **Contemporary thinking on transdisciplinarity knowledge: what those who know, know**. [S.l.]: Springer Briefs in Education, 2020, p. 59-64. https://doi.org/10.1007/978-3-030-39785-2_9.

PASQUIER, Florent; NICOLESCU, Basarab. To be or not to be transdisciplinary, that is the new question. So, how to be transdisciplinary?. In: NICOLESCU, Basarab; YEH, Raymond T.; ERTAS, Atila. (Org.) **Being transdisciplinary**. Estados Unidos da América: Academy of Transdisciplinary Learning and Advanced Studies, 2019. p. 7-16.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. [s.n.]. [S.l.]: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2001.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma linguística INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A interdisciplinaridade: um imperativo desde sempre. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 48, 1996, São Paulo. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**. [S.l.], ABRALIN, 1996, p. 93-104.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 355-359, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2020. doi:10.1590/S0102-44501999000200007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Caminhos, percalços e encontros na Linguística Aplicada. In: SILVA, Wagner Rodrigues. (org.). **Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 45-60.

SCHEIFER, Camila Lawson. Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desreterritorialização - um movimento do terceiro espaço. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online]. Belo Horizonte, v. 13, n. 3, pp. 919-939, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013005000017>. Acesso em: 6 mar. 2022. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013005000017>.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. Introdução. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. p. 7-19.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. p. 89-98.

SIGNORINI, Inês. Postscriptum. In: SIGNORINI, Inês. (org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 215-219.

SIGNORINI, Inês. IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada - Palestra Signorini - Parte I. 2011. Canal da Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cfLnfMY9h-Q>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SIGNORINI, Inês. Apresentação: Epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos da língua(gem). **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. 4, 2015, p. III-VII. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22215>>. Acesso em: 9 out. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445089514114781381>.

SIGNORINI, Inês. Entrevista - Conversando com a homenageada. In: SILVA, Wagner Rodrigues. (org.). **Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 33-44.

SILVA, Daniel do Nascimento e. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online], vol. 31 -especial, 2015, p.349-376. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/CxKTwbPGP4ktCZQyhvLRyg/?lang=pt#>>. Acesso em: 25 mar. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445007158226872892>.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios epistemológicos. In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina Valim de. (org.). **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada: perspectivas sul-americanas**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 63-90.

VEIGA, José Eli da Veiga; ALMEIDA, Maria da Conceição. Da complexidade às complexidades e o exercício da boa utopia. O pensamento de Edgar Morin. Entrevistas concedidas a Patrícia Fachin.

Instituto Humanitas Unisinos, 12 jul. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3wRR9no>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

WINDLE, Joel et al. Por um paradigma transperiférico: uma agenda para pesquisas socialmente engajadas. **Trabalhos em Linguística Aplicada** [online], n. 2, vol. 59, p. 1563-1576, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/01031813749651220200706>>. Acesso em: 06 abr. 2022. <https://doi.org/10.1590/01031813749651220200706>.

Diego SATYRO

Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. É mestre pelo mesmo programa. cursou o mestrado e tem feito o doutorado com bolsa CNPq. É pós-graduado em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”, licenciado em Letras Português/Inglês e em Pedagogia. Fez curso de aperfeiçoamento em Ensino de Língua Inglesa na Michigan State University (EUA), com bolsa Fulbright/ CAPES. Atua na Educação Básica, na Prefeitura de São Bernardo do Campo, como coordenador pedagógico.

Recebido em 16/maio/2022 - Aceito em 09/setembro/2022.